

Revista EDUCAMAZÔNIA - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá, LAPESAM, GISREA/UFAM/CNPq/EDUA – ISSN 1983-3423 – Ano 4, Vol 1, nº6, jan-jun, 2011, Pág. 145-164.

**O PERCURSO DE UMA PESQUISA:
DA ENTREVISTA A INTERPRETAÇÃO DAS NARRATIVAS DE QUATRO
MULHERES QUE VIVENCIARAM A AMAZÔNIA**

Por Márcia Nunes Maciel

marcianeho@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar o percurso de minha pesquisa de mestrado que registrou as memórias de quatro mulheres que vivenciaram experiências em espaços de seringais na Amazônia e que tiveram experiências de vida e de deslocamentos em comum. A partir da qual, buscou-se compreender as percepções de existências e espaços vivenciados. Todo o processo da pesquisa se deu por meio dos procedimentos específicos em História Oral de Vida e registros etnográficos, que resultaram na construção dos textos resultantes das entrevistas.

Palavras-chave: Amazônia. Experiência. Memória. História Oral.

**A RESEARCH TRAJECTORY:
FROM THE INTERVIEW TO THE INTERPRETATION OF A FOUR
WOMEN STORYTELLING ABOUT THEIR LIVING IN THE AMAZON**

ABSTRACT: This article aims to present the course of my research that records the memories of four women who have lived experiences in *seringals* (rubber plantation areas) in the Amazon, and had a trajectory of life and displacement in common. From which, we sought to understand the perceptions of existence and experienced spaces. All the research process takes place by means of specific procedures in Oral History of Life and ethnographic records, which resulted in the construction of the texts from interviews.

Keywords: Amazon. Experience. Memory. Oral History.

Introdução

No percurso da pesquisa, duas possibilidades foram experimentadas. Na primeira, as pessoas entrevistadas não faziam parte de uma mesma comunidade; tinham em comum a experiência de seringal, porém cada uma a vivenciou em seringais diferentes. Após uma redefinição da pesquisa, mantive apenas uma das quatro entrevistas realizadas, a de Francisca Nunes Maciel, realizada no ano de 2004 e aprofundada durante a vivência estabelecida com ela até seu falecimento aos 89 anos no ano de 2007. A partir da entrevista com Francisca, foram estabelecidas as outras que fazem parte das quatro histórias que são o centro desta pesquisa.

Busquei a história de vida de pessoas comuns, à margem da História, sempre mais preocupada com os grandes homens. Esforcei-me para não falar por elas, deixando que dissessem por si mesmas sobre suas existências. A partir daí, busquei recriar suas narrativas e interpretá-las, seguindo os rastros deixados por elas de um mundo em ruínas, rastros das vivências em espaços de seringal e lugares às margens do rio Madeira.

Foi na convivência com as colaboradoras da minha pesquisa que, juntas, construímos as narrativas que foram tomadas como *corpus* documental, interpretadas na dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia, pela Universidade Federal do Amazonas, em abril de 2010. A pesquisa em História Oral de Vida adotada foi baseada na experiência de vidas de pessoas que vivenciaram seringais na Amazônia, tendo sido concebida a partir da vivência estabelecida com minha avó materna que, tendo habitado o espaço do seringal, me contava histórias que se remetem a esse espaço, como a história do seu avô que brigou com a onça, dentre muitas outras. Embora a temática estivesse ligada a minha afetividade, sua representação envolveu experiências de uma coletividade.

Nas memórias narradas, aparece o lugar denominado como Lago do Uruapiara no alto do rio Ipixuna, onde havia um barracão do Seringal Traíra que

administrava as estradas de seringa, denominadas de Vai Vento, Tocador, Cabeceira, Alto Comercial e Baixo Comercial. Esse lugar é o ponto de partida da experiência de deslocamentos de quatro mulheres que desceram o Rio Madeira, e de lugar a lugar existentes em suas margens, trabalharam, festejaram, rezaram, criaram os filhos, junto dos maridos, sozinhas e com a ajuda de familiares e conhecidos até chegarem à cidade de Porto Velho, no estado de Rondônia, e continuarem suas vidas.

Todo o processo de construção textual foi orientado por noções da História Oral desenvolvida por José Carlos Sebe Bom Meihy (1), Fabíola Holanda(2) e Alberto Lins Caldas(3). Tomei esses três oralistas como referência, percebendo suas proximidades e diferenças conceituais e procurando construir meu próprio trajeto e responder às questões que me eram colocadas no decorrer da pesquisa, com o cuidado necessário que o pesquisador deve ter com o outro e sua diferença.

No diálogo estabelecido entre a prática de história oral de Meihy (2005) e de Caldas (2001), a concepção de transcrição deixa de ser concebida apenas como “um conceito para uma possível tradução que realizamos entre a fala e o processo geral de textualização, para ser entendida, como visão geral das ficcionalidades como memória, fala, transcrição, textualização e interpretação” (CALDAS, 2001 p. 32).

(1) Coordenador do NEHO - Núcleo de História Oral da Universidade de São Paulo, núcleo de pesquisa que tive uma vivência acadêmica, por um ano. Período que cursei a disciplina de História Oral e suas relações disciplinares e pude aprender algumas noções dadas pelo professor Sebe.

(2) Professora da Universidade Federal de Rondônia, com quem tive as primeiras lições sobre História Oral, foi uma das coordenadoras do Centro de Hermenêutica do Presente e passou a ser membro do núcleo de História Oral desde 2004 quando foi fazer o doutorado na USP.

(3) Coordenador do Centro de Hermenêutica do Presente, foi meu orientador da monografia de Bacharelado em História, me introduziu no mundo da literatura e me ensinou a enxergar que as palavras não são as coisas

O conceito de transcrição é transposto da concepção de Haroldo de Campos sobre a tradução do poema *Transblanco* para a concepção do texto transcrito. Essa transposição é explicada na obra *História oral: como fazer, como pensar* (2007), de José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda: “Tendo a inspiração como ponto de partida, vertida em palavra, o produto, o poema, concretizaria na beleza o sentido da mensagem. Haroldo de Campos, no Brasil, emprestou essa ideia – de recriação – e dinamizou o processo, aplicando-o à tradução de uma língua para outra. A isso chamou Transcrição.” (p. 134).

Esses conceitos são fundamentais para a construção de uma nova relação de pesquisa. O sentido de colaboração entre as partes implica em *me-di-a-ção*. Essa ação entre oralista e colaborador resulta numa relação em que ambas as partes atuam. Nesse sentido, não é o pesquisador que vai dar voz ao outro, mas é o trabalho conjunto que resultará na constituição de eus, mundos, vozes e interpretações.

No processo de transcrição, algumas expressões utilizadas pelas colaboradoras foram mantidas por terem sentido específico, por expressarem uma configuração do mundo a que pertencem, como as expressões *por força*, que aparece na narrativa de Francisca no sentido de vontade, ou seja, quando alguém quer muito que outra pessoa faça alguma coisa; *tá ficando é besta!*, expressão geralmente utilizada para se opor a algum pensamento ou vontade de outra pessoa, mas é uma oposição descontráida, geralmente acompanhada de um riso; *a modo*: um dizer comum na linguagem das pessoas que viveram no Uruapiara e vem antes da formulação de uma ideia. As expressões *eu vejo, eu digo e agora*; no contexto das narrativas são usadas como uma adversidade; como se estivesse usando: *mas; uma viagem*; é um termo que marca um tempo, indica um acontecimento; *com obra*: Francisca usa essa expressão em sua narrativa quando se refere à medida de nível de uma enchente; *larga de coisa que é*: é uma discordância, na maioria das vezes é uma repreensão; *olha já*: uma expressão muito usada na linguagem amazônica, que expressa vários sentidos dependendo do contexto que é utilizada, pode ser surpresa, ou crítica; *lá*: em

algumas situações não diz respeito a lugar, seu sentido deve ser entendido dentro do contexto do acontecimento relatado.

Para a realização da pesquisa, foram adotados procedimentos específicos, tais como entrevista não direcionada, na qual a pessoa é convidada a falar sobre a sua experiência de vida, iniciando por onde ache melhor. Embora as pessoas escolhidas estejam relacionadas à temática da pesquisa, não foram feitas perguntas diretas, sendo que estas surgiram no decorrer das entrevistas, com a intenção de esclarecer algo que não foi entendido ou para estimular uma descrição mais minuciosa do que estava sendo comentado, geralmente quando relacionada ao modo de vida nos espaços de seringais. O interesse se deu por toda a experiência de vida narrada.

Após a realização das entrevistas, foi feita transcrição literal de tudo o que foi dito e, após, a textualização, em que se iniciaram os trabalhos de criação textual, sendo suprimidas as repetições sem significação e as eventuais perguntas sem repercussão. Nesse processo, as perguntas que estimularam a narração foram incorporadas à narrativa. Em seguida, realizou-se a transcrição, em que todo o processo dos trabalhos consiste na transformação da oralidade para a escrita na intenção de alcançar um texto comunicável, sendo também uma busca pelo outro. Neste ínterim, houve a conferência, momento em que o texto foi apresentado às mulheres e as entrevistas autorizadas para uso. No processo final dos trabalhos em História Oral, há o estabelecimento dos textos resultantes das narrativas, tomados como *corpus documental*, para a etapa em que se fazem as relações entre as temáticas que ligam uma narrativa à outra, pontuando também as especificidades das imagens simbólicas.

O processo de construção textual das narrativas teve como referência a concepção de texto etnográfico de Clifford Geertz (1989), visto como representação de representações, não no sentido de mentiras, mas de criação, e a de texto ficcional de Alberto Lins Caldas (2001), uma ficcionalidade com todas as parcialidades da realidade, em que tudo que foi dito só poderia ser dito pela própria pessoa que narrou sua experiência.

Considerando as concepções de real como ficcionalidades individuais e coletivas, caracterizei as narrativas que compõem o centro da dissertação como narrativa cotidiana; isto é, narração do dia-a-dia. Essa definição é feita por Márcio Ferreira Barbosa, em sua obra *Experiência e Narrativa* (2003). Há nesta uma correspondência com as narrativas constituídas no processo de construção da História Oral. Segundo o autor, a narrativa do cotidiano possui um modo de relação com a realidade que pode ser confundida com pretensão de constituição de realidade historiográfica, como “representação verdadeira”, porém a diferença fundamental está aí, pois a narrativa cotidiana não busca uma legitimação da verdade científica; a sua verdade é um fator essencial do próprio ato de narrar, da própria narração. A razão de ser primeira da narrativa do dia-a-dia é ser verdadeira, seja confirmada objetivamente ou não. No caso das narrativas de experiências de vidas, não se tem a preocupação com a comprovação da verdade objetiva, e disso resulta seu poder de construir o que é “real”, na experiência de um indivíduo. As experiências narradas podem possuir um conteúdo ficcional, podem falar inverdades, mas foram ditas de modo verdadeiro; e esse modo de dizer, esse conteúdo discursivo, possui um significado social digno de ser analisado.

A questão da mentira e sua validade para a história oral pode ser mais bem entendida a partir do texto *O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral*, de Janaína Amado (1995). Neste, aborda-se como é possível adentrarmos no processo de recriação do narrador por meio da mentira. O referido texto trata de uma entrevista realizada com Fernandes, um dos participantes da Revolta do Formoso, importante movimento social de posseiros ocorrido no Estado de Goiás em meados do século XX. Essa entrevista ao ser comparada com outras realizadas e com documentos históricos oficiais mostrou-se dissonante e mesmo falsa. Somente após o término da pesquisa, ouvindo novamente o senhor Fernandes, Janaína Amado percebeu que a história contada por seu entrevistado era uma recriação do livro *Dom Quixote*, de Cervantes. Segundo ela, alguns episódios contados por Fernandes haviam realmente acontecido, porém em outros contextos e épocas; as pessoas existiram, mas suas descrições físicas e morais não correspondiam e os papéis que haviam desempenhado não coincidiam com os outros relatos. Por meio dessa entrevista,

a autora chama a atenção para a importância da dimensão simbólica da narrativa, que, muitas vezes, pode ser desprezada por historiadores “por serem mentirosas” e por não encontrarem provas sobre restituições históricas fidedignas dos fatos pesquisados.

A partir dessa ótica de valorização dos processos criativos na narração de uma lembrança, levei em conta as várias dimensões das narrativas das mulheres que contaram suas experiências em seringais e ou localidades às margens do Rio Madeira. Dessa maneira, procurei ao longo do estudo refletir sobre os aspectos subjetivos, entendido como o espaço íntimo/afetivo e as explicações de mundo das colaboradoras, uma vez que elas não são vistas como objetos de pesquisa, mas, sim, como parte principal da pesquisa. Sendo capazes de narrar, de fazer e de ser, apresentam-se de modo distinto, havendo as que narram minuciosamente cada detalhe dos acontecimentos e as que apresentam impedimentos na própria capacidade de falar, devido a problemas de saúde, seja no ato cognitivo da fala, seja por causas neurológicas que dificultam as lembranças dos detalhes de suas histórias.

No viés da subjetividade, tracei uma abordagem que entrelaça a experiência, a narrativa e o tempo, seguindo as pistas, os rastros deixados para perceber o sentido dos lugares e espaços vivenciados por estas mulheres e a maneira subjetiva de constituição de uma comunidade da qual se sentem parte, para enfim me entregar às imagens que me chamavam, seja pela beleza, pela simplicidade, seja por dizerem muito, por permitirem entrar nos devaneios das colaboradoras.

No conjunto de toda a dissertação, busquei o detalhe, a especificidade, as ligações entre as histórias, a valorização dos saberes, dos fazeres, dos sabores lembrados pelas pessoas com quem convivi e construí em colaboração histórias que dialogam no mesmo patamar com os saberes adquiridos na academia. Para isso, foi preciso saber dar importância às narrativas de pessoas comuns e torná-las parte de uma História que por muito tempo as considerou parte de uma massa de explorados, dominados, sem considerar sua capacidade de inventar o cotidiano.

Ao interpretar as narrativas, procurei delinear as sensibilidades presentes, as sensações, o emocional, a subjetividade, os valores e os sentimentos que obedecem a outras lógicas e princípios que não os racionais. A constituição das próprias narrativas foi uma maneira de adentrar no campo das sensibilidades, pois elas são uma forma do ser no mundo e de estar no mundo, indo da percepção individual à sensibilidade partilhada.

Na construção interpretativa procurei pensar sobre os lugares de experiências a partir da ótica de quem os vivenciou. Nesse sentido, entendo que o vivido e o lembrado são dimensões diferenciadas da memória: o vivido remete-se a um acontecido que nunca será recuperado, mas será sempre recriado por meio do lembrado. Minha busca foi pelo lembrado percebido por meio das narrações, onde fluem os lugares de experiências individuais e coletivas, que dizem respeito ao trabalho, as festas, as crenças, as emoções da vida. Esse lembrado é entendido como construção da memória tecida na recordação do lugar vivido, uma atualização e recriação do vivido no presente.

A memória que busquei foi a construída na relação com a experiência vivenciada no seringal e fora desse espaço, tendo em vista o processo de deslocamentos geográficos. Como tal, essa memória foi tecida por lembranças, esquecimentos, sonhos, devaneios, em constante movimento e criação de sentidos, correspondendo a uma concepção de memória, relacionada ao que Gaston Bachelard (2005) entende como um espaço vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação.

As experiências de vida foram pensadas como vivência de deslocamento de uma comunidade específica que construiu sentidos individuais e coletivos dos sofrimentos, das idealizações, frustrações e conquistas, podendo a partir daí constituírem uma memória coletiva, considerando, conforme Maurice Halbwachs (2004), que uma memória coletiva só se mantém quando os indivíduos que compartilharam uma experiência se sentem parte de uma mesma comunidade afetiva. Como foi expresso pelas colaboradoras por meio de palavras, gestos e sentimentos.

Dessa maneira, na primeira parte da dissertação – Memória narrada –, apresentei as narrativas e, em torno destas, o contexto de sua construção, as impressões sobre as colaboradoras, suas especificidades, a validade das narrativas como *corpus* documental e as reflexões vertidas a partir delas sobre a Arte de narrar, Tempo, narrativa e memória, Um destino comum: quatro mulheres. Na segunda, desenvolvi a leitura sobre a representação dos espaços afetivos, a percepção de uma comunidade afetiva, as experiências coletivas e individuais, buscando a valorização de suas dimensões simbólicas, tudo a partir das memórias narradas e das percepções de campo.

O critério de escolha das imagens narrativas retiradas dos textos resultantes das entrevistas para a interpretação deveu-se à sua força de representatividade simbólica. Desse modo, as escolhas foram resultado da relação subjetiva estabelecida com as narrativas.

Todo o processo desenvolvido em história oral só foi possível porque houve colaboração e mediação entre as partes, a pesquisadora, as colaboradoras e seus familiares. Não bastou ter a aceitação das colaboradoras em participar da pesquisa, antes foi necessário ter a aceitação de seus familiares, geralmente com quem elas moram. Sem o envolvimento com suas famílias eu não teria chegado até elas.

Nesse sentido, foram efetivados na relação estabelecida com as colaboradoras e na construção textual de suas narrativas os conceitos de colaboração, mediação e devolução, que consiste na atuação do oralista como mediador no processo de transcrição, no fazer do documento e nas situações de relações sociais. Esses três conceitos marcam as fases de realização da pesquisa em história oral.

Na transcrição das narrativas, a busca foi pelo outro, por sua emoção, como disse Patativa do Assaré em seu poema, *Dor gravada*:¹

Gravador que estás gravando

¹ Percebi essa relação do poema Gravador de Patativa do Assaré com a concepção de transcrição quando assisti o documentário: Patativa do Assaré-Ave Poesia, resultado de um trabalho de vivência e reunião de registros do diretor do filme com a personagem.

Aqui, no nosso ambiente,
Tu gravas a minha voz,
O meu verso, o meu repente,
Mas, gravador, tu não gravas a dor que o meu peito sente!
Tu gravas em tua fita,
Com a maior perfeição,
O timbre da minha voz,
A minha fraca expressão!
Mas não gravas a dor grave,
Gravada em meu coração! [...]

O poema de Patativa de Assaré basta para dizer que o gravador não grava a plenitude da emoção, pois esta pode estar expressa na voz gravada, marcada pela performance da voz, mas nem sempre é dita; para ser parte do texto escrito é preciso fazer a transformação do que foi expresso, por meio dos gestos, das tonalidades da voz carregadas de sentido.

Nesse sentido, a emoção que não foi gravada no gravador fez parte das histórias das quatro mulheres que vivenciaram espaços afetivos às margens do rio Madeira na Amazônia.

As quatro histórias construídas comporam um referencial para o estudo proposto sobre a memória e experiências de pessoas que vivenciaram os seringais na Amazônia.

As interpretações foram construídas por meio da mediação entre pesquisadora e as demais pessoas envolvidas na pesquisa. Nesse sentido, a percepção que tenho das experiências em comum entre Francisca, Glória, Ester e Izolina, ainda que tenha sido construída a partir da vivência que estabeleci com elas e da constituição de textos resultantes de suas entrevistas, é resultado de uma mediação que resultou na interpretação de que as quatro, por terem nascido

no mesmo lugar, se deslocado e, por fim, se encontrarem em Porto Velho, Rondônia, compartilharam experiências de vida em comum.

As quatro mulheres que nasceram no Uruapiara e no fim de suas experiências de deslocamentos passaram a morar em Porto Velho, apesar de terem compartilhado experiências em comum, como ir às festas, coletar castanha, pescar, fazer farinha para tirar o sustento de seus filhos, e em sua velhice morar na casa destes apresentam, nas narrativas, suas singularidades.

Francisca faleceu em 14 de agosto de 2007. O sonho de Francisca era poder ser dona de sua vida, fazer suas coisinhas, como ela dizia. Esse sentimento também aparece na narrativa de Glória e Ester por estarem vivendo na casa de seus filhos, mas no caso da Glória ela admite que seja melhor morar com sua filha, reclama apenas por não poder decidir quem pode morar na casa dela, e Ester também expressa o desejo de voltar para casa. Izolina não considera que mora na casa de seus filhos, vendeu sua casa e foi morar num compartimento encostado a casa de seu filho Raimundo. Em sua entrevista, diz ter se arrependido de vender sua residência e expressa o desejo de ter novamente uma casa só dela.

Por meio da narrativa de Francisca, percebi seus sonhos e suas experiências. Ela nunca aceitou os convites de viagem a passeio, porque escolheu fazer companhia para a mãe. *Eu não quis viajar nenhuma das vezes que me chamaram. Se eu tivesse ido agora eu conhecia Santarém.* Mas além de ter feito a escolha de ficar com a mãe, ao invés de viajar, também deixou de viajar porque era uma pessoa que tinha medo das longas viagens de barco, como muitas outras pessoas de seu tempo e de outros tempos que tinham medo de conhecer novos mundos. *Tinha medo de andar assim longe em barco. Tinha medo não sei do quê. A modo que já ia afundar o barco. Tudo eu tinha medo.* Francisca era de outro tempo, o medo não pode ser visto apenas como insegurança psicológica, podendo dizer respeito a uma outra lógica de mundo.

Na sua lógica, o perigo estava nas longas viagens: *Só viajava de barco quando era perto...* Apesar do medo de distanciar-se de seu mundo, de enfrentar o desconhecido, fez o primeiro deslocamento para acompanhar seu marido. Esse primeiro deslocamento marca o início de sua experiência de deslocamento do Amazonas para Rondônia: [...] *Quando nós saímos aqui pra uma viagem pro Cuniã... Nós viemos de motor fretado...* Cuniã foi a primeira localidade em Rondônia que Francisca viveu com sua família, por ser uma região de seringal, conforme é indicado em sua narrativa. As localidades que fizeram parte da experiência de deslocamentos de Francisca foram: o Uruapiara, os deslocamentos feitos internamente no Estado do Amazonas, mudando de uma localidade a outra, todas ligadas ao Uruapiara, como a que nasceu e viveu, a qual era denominada de Traíra, localizada na divisa de Vista Longe, onde sua mãe tinha um castanhal, Vista Longe, Comercial, Cuniã, Vista Alegre e Porto Velho, no bairro Triângulo.

No contexto histórico, correspondente ao período de exploração da borracha na Amazônia, essas localidades, Uruapiara, Vista Longe, Comercial, Cuniã e Vista Alegre eram espaços de seringais, lugares onde se situavam as administrações, as comunidades e as estradas de seringas. Porém, a minha escolha não é falar dos espaços de seringais em si, mas dos espaços da memória, ou seja, como esses espaços são construídos na memória das pessoas que o vivenciaram e seu sentido em suas vidas, mesmo quando já estão fora deles.

Glória que faleceu após o período de entrevistas e conferência do texto que resultou da sua narrativa, compartilhou alguns lugares que constituíram a sua experiência de deslocamento com Francisca. Ao contrário desta, lembra do Uruapiara e do tempo que vivia em Vista Alegre, lugares em que teve experiências de vida compartilhadas com Francisca, como bons lugares em que viveu, mas não tem o desejo de voltar a morar neles porque sabe que as pessoas que ali viviam no seu tempo não vivem mais lá. O tema da casa aparece em sua narrativa envolvida por ressentimentos. Glória reconhece que sua filha a tirou de sua casa porque estava muito doente e, não fosse isso, teria morrido, mas demonstrou insatisfação por um dos seus filhos ter se apropriado da casa; outra insatisfação demonstrada é a conversão da filha à religião evangélica. Apesar da

vontade dos filhos evangélicos de que ela se converta à sua religião, ela mantém o catolicismo.

Os lugares mencionados por Glória, onde ela viveu com sua família, são o Uruapiara, onde nasceu e constituiu sua vida até casar, Seringal São Sebastião, Vista Alegre e Porto Velho, no bairro Triângulo. São Sebastião é a única localidade que Glória identifica como seringal, porque para ela seringal é onde ficam as estradas de seringa. Quando Glória se casou, foi morar no seringal São Sebastião com o seu marido... *Quando eu casei, fui mimbora pro São Sebastião. O Luiz foi cortar seringa lá pro Ametista. Pra lá nós tivemos... Tivemos... Depois nós viemos embora.* São Sebastião ficava no centro onde extraíam seringa. Além do São Sebastião, Glória morou em outra localidade de difícil acesso, onde seu marido fez plantações de seringa, provavelmente motivado a garantir a extração de seringa para o futuro, planos que não vingaram, pois em seguida deslocaram-se para Vista Alegre às margens do rio Madeira, para uma localidade mais acessível, acima de Boa Hora, no Estado de Rondônia.

O catolicismo vivenciado no Uruapiara e em Vista Alegre era o que constituía o sentido de sua vida. Mesmo depois de ter esquecido as ladainhas que rezava no tempo dos festejos dos santos, manteve o seu terço e rezava as orações que não havia esquecido. Esse vínculo com o catolicismo marca sua autenticidade diante dos filhos: *Olha já! Eu digo... Meu filho! Da onde tu veio eu já vim! Fica na tua que eu estou na minha com Deus! Cala a boca! Deixa eu! Vocês todos passaram pelas minhas mãos... Eu ensinei tudo pra vocês, o que era bom... O terço, a ladainha... Tudo eu rezava.*

O catolicismo é uma constituição em comum entre Francisca, Glória, Ester e Izolina, mas quem enfrenta esse conflito e marca sua resistência é a Glória. Francisca manteve-se católica, mesmo quando estava na casa de sua filha, que se tornara evangélica, não demonstrava oposição, aceitava as orações, mas sabia manter sua fé e seu vínculo com o catolicismo. Ester mantém seu catolicismo adquirido no Uruapiara por meio da sua devoção ao São Benedito do Uruapiara, mas teve vivências em igrejas evangélicas; hoje não sabe distinguir a religião católica da evangélica, devido a sua própria maneira de racionalizar as coisas. Se for a uma igreja evangélica, vai falar de São Benedito do Uruapiara da

mesma forma. Izolina mantém sua maneira de ser católica e convive com seu filho evangélico participando do dia-a-dia da sua igreja, compartilha da irmandade evangélica, mas não renega sua formação católica. Mesmo que elas vivenciem experiências com a religião evangélica, o catolicismo permanece por ser uma forma de ver e ser constituída desde quando viviam no Uruapiara.

Ester teve experiências de viagens diferentes de Francisca, Glória e Izolina. Em suas viagens, conheceu muita gente, teve vários namorados; o que tem em comum com as outras, além da experiência de deslocamentos, é ter sempre trabalhado para sustentar seus filhos. Do que Ester tem mais saudades do tempo que vivia no Uruapiara é de seus namorados. O sentimento de descontentamento com sua rotina diária é amenizado pelos momentos que tem consigo mesma e com a fé depositada em seus santos protetores, *Eu me deito cedo, converso com o meu quadro do coração de Jesus e meu padroeiro que é o São Benedito do Uruapiara. Também tem a Nossa Senhora Aparecida aqui no meu quarto que eu acendo vela pra ela.* O momento reservado para conversar com São Benedito, a imagem do coração de Jesus e Nossa Senhora Aparecida, demonstram a força da devoção em sua vida.

Ester não se acanha em falar de sua sexualidade, ao contrário de Francisca, Glória e Izolina que não se sentem à vontade para falar desse assunto. Fala da saudade dos namorados, e expressa um comportamento mais despreendido dos padrões estabelecidos às mulheres do seu tempo. Embora tenha vivenciado mais as experiências de viagens, não se desviou da experiência de deslocamentos até Porto Velho.

Os lugares que aparecem com mais importância na sua vida é Manaus, onde viveu uma vida de liberdade e o Uruapiara, para onde sempre voltava até sua vinda para Porto Velho. Antes disso conheceu Itacoatiara, Barreirinha e morou bastante tempo em Manicoré. De Manicoré veio para Porto Velho, para onde sua filha caçula se deslocara. Em Porto Velho, ainda teve uma vida independente e conseguiu emprego com carteira assinada, tornando-se, mais tarde, funcionária da prefeitura. A sua independência, que lhe garantiu por muito tempo cuidar de si mesma, faz com que hoje ela não se conforme com os limites físicos que a condicionaram a sair de sua casa pra morar com a filha.

Izolina, por ser irmã de Francisca, compartilhou muitas vivências com ela, aproveitando o tempo que Francisca vivia com sua mãe para viajar com seu pai, irmãos e primos. Ela gostava de sair a passeio. Compartilhou a juventude com Francisca, fazendo diversas atividades, como coletar castanha, cuidar da roça para comprar tecidos, perfume e outros objetos. Após se tornarem mães, continuaram fazendo seus trabalhos para garantir o sustento de seus filhos.

Na retomada do tempo em que viveu com a mãe e teve que trabalhar para mantê-la, transparece a importância desta em sua vida, porém demonstra ter tido mais aproximação com seu pai do que a própria Francisca; a permanência de sua irmã proporcionou mais liberdade para acompanhá-lo em suas viagens de trabalho e passeio. A saída de Francisca da casa dos pais a fez assumir os cuidados com a mãe. Com isso, deixou de acompanhar seu pai em suas viagens. Após a morte de seu pai, sentiu o peso de manter a sua vida, a de seus filhos e a de sua mãe.

O deslocamento de Izolina para Rondônia se dá direto do Uruapiara, quando seu irmão Pedro vai buscá-la para morar na Boa Hora, após a morte de seu pai: *Logo que papai morreu o finado Pedro, meu irmão, estava lá pra Vila de Nazaré, que existe ainda hoje, é lá perto onde era a ilha da Boa Hora, [...] onde a Chiquinha morava.* A partir daí, ela, sua mãe e seus filhos passam a viver novamente perto do restante da família. Porém, após o deslocamento de Francisca e Izolina para Porto Velho, seu irmão Pedro retorna para o Uruapiara com a mãe, mantendo esta longe das filhas, somente quando se encontrou muito doente, no fim da vida, suas filhas a trouxeram novamente. O gesto de cuidar da mãe até seus últimos dias é lembrado por Izolina com orgulho de ter cumprido sua obrigação, embora essa responsabilidade tenha sido dividida com Francisca.

Izolina foi a primeira a se deslocar para Porto Velho com seus filhos. Todas foram para o bairro Triângulo, que se situa próximo ao porto de desembarque, um antigo bairro de Porto Velho; nele estão as famílias que trabalharam na construção da Ferrovia Madeira Mamoré e as que se deslocaram das comunidades às margens do rio Madeira, ainda na década de 1960 e 1970.

Na narrativa das quatro mulheres, o lugar comum de discurso é o da anciã impedida de realizar seu movimento de interiorização. Apesar de Izolina viver num compartimento separado, ao lado da casa de seu filho, e Glória ter o seu quarto no fundo do quintal de sua filha, as quatro apresentam um sentimento de perda de domínio de suas vidas. A impossibilidade de viverem em sua casa as privou de sua intimidade.

As palavras em suas narrativas ganham sentido particular como partes constituidoras de seus discursos, dirigidas a um “interlocutor” com ligações sociais estreitas a elas. Na figuração desse interlocutor, está a família. Hierarquicamente, ao mesmo tempo em que podem representar o poder do mais velho garantido pela experiência de vida, o poder de mãe e avó precisa ser reivindicado. Na relação estabelecida com seus familiares, não é dado o direito de fazer as próprias escolhas, por causa da idade. Entretanto, no caso das filhas e netas de Francisca e Izolina, por terem a mulher como núcleo, devido à ausência do homem que vivia nos centros de seringa, tendo elas também a experiência de assumirem a criação dos filhos quando eram mais jovens, houve uma herança matriarcal mantida pelas mulheres da família.

Na interação de Francisca, Glória, Ester e Izolina com suas famílias, há uma representação de relação de poder, na qual a família desempenha a autoridade institucional. Essa situação social, comum aos idosos, determina as condições hierárquicas. Mesmo com o avanço da idade, elas se sentem privadas de suas vidas por terem que viver na casa dos filhos, demonstrando saberem da necessidade dos cuidados de outros, devido a problemas de saúde, mas sem, de fato, aceitarem tal condição.

Há diferenças no modo como as famílias se relacionam com essas mulheres. Há casos em que a mulher mais velha é respeitada e não é vista como um empecilho, apesar de alguns conflitos gerados pela resistência delas em se adaptarem às novas condições impostas pela idade. Existem outros em que cuidar da mãe, por ser idosa, torna-se um transtorno por causa de hábitos adquiridos, que não correspondem aos hábitos de um modo de vida urbano.

A solidão é outro ponto em comum entre elas, todas têm uma rede e uma cadeira num canto da casa, mantidas como o seu *cantinho*. Nos momentos de solidão, referem-se aos seus antigos conhecidos, aos lugares que já viveram, às pessoas amadas que faleceram. Essa percepção lhes traz solidão e angústia.

Apesar dos momentos de imersão em suas lembranças, de modo mais e menos ativo, mantêm a interação com seus familiares. Não abrem mão do papel de mães, de geradoras e criadoras dos filhos. Reivindicam o respeito e importância de terem ensinado tudo aos seus filhos. Quando não há reconhecimento, elas não aceitam de forma submissa, mantendo suas palavras como propriedade inalienável mesmo que não seja unicamente delas, pois essa propriedade só se efetiva na interação com o outro. Ao dirigi-las ao interlocutor-família, revela-se a situação social imediata do drama de suas vidas, muitas vezes expressa em lamentos, no ocultamento da mágoa, do sofrimento, da insatisfação.

A sensação de inutilidade e a tomada de consciência de estarem condicionadas às decisões de suas famílias expressam-se nos silêncios. Vale ressaltar que o discurso interno se forma pela relação com o externo, dirige-se sempre a uma coletividade, pois nunca estamos sozinhos. Embora haja os interditos que as impedem de se expressar por meio de palavras, essa tomada de consciência também se revela no ato de falar, tornando-se o eixo narrativo, como no caso da narrativa de Francisca, e aparecendo, embora de forma mais tímida, nas outras narrativas.

Um dos pontos comuns entre as quatro refere-se ao fato de que, mesmo idosas, falam do trabalho como questão importante em suas vidas. Fazem questão de enfatizar que trabalharam muito, o que possibilitou o sustento dos filhos. Das duas que estão vivas, Ester e Izolina, pelo estado de saúde, não conseguem desenvolver atividades domésticas, embora Izolina, entre uma melhora e outra, goste de costurar e ocupe seu tempo confeccionando lençóis de retalho para vender. Mesmo as que não têm mais condições de executar alguma atividade doméstica, não se sentem dependentes financeiramente de seus familiares.

As principais distinções feitas por essas quatro mulheres entre o tempo vivido antes e o de hoje são o ritmo da vida, a violência e o distanciamento das pessoas. Sentem falta da época em que as pessoas tinham tempo para ouvir os seus conselhos. O tempo acelerado do capitalismo não permite tempo para as conversas. Como salienta Walter Benjamin (1994), hoje poucos são aqueles que se dão ao prazer de ouvir um conselho, ouvir uma história e passá-la adiante. Elas também se assustam com as notícias de violência que escutam pelo rádio e vêem na televisão.

Apesar de suas idades, constroem seus cantinhos onde revivem na lembrança seus velhos tempos e ficam na expectativa da chegada de sua hora de partir com o sentimento de missão cumprida, hora chegada para Francisca e Glória. Enquanto essa hora não chega para Ester e Izolina, continuam a arte de fiar suas vidas, dores, esperanças e seus próprios tempos.

Como não podem voltar para suas casas, encontram um modo de levá-las consigo, por meio de sua memória, tornando-se elas mesmas suas moradias, constroem seus cantos e passam a se fechar em conchas. Bachelard, em *A poética do espaço*, fala da imagem de viver na concha, imagem que pode servir de germe para o sonho de viver sozinho. Segundo ele, é preciso estar só para habitar uma concha. “Vivendo a imagem, sabemos que aceitamos a solidão” (BACHELARD, 2005, p. 134). Francisca e Glória, viveram essa imagem de habitar uma concha, Ester e Izolina ainda a vive, porque sabem aceitar a solidão. Fazem desse momento o espaço para o encontro com suas lembranças.

Nos encontros com essas quatro mulheres, hoje apenas duas, cheguei a uma constatação comum a de Ecléa Bosi (1994), em seu estudo sobre

lembranças de velhos. Como ela, também vi nas colaboradoras da minha pesquisa o reviver do que se perdeu de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes nas famílias os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir e andar.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**, São Paulo, n. 14, p. 125-136, 1995.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARBOSA, Márcio Ferreira. **Experiência e narrativa**. Salvador: EDUFBA, 2003.

BENJAMIN, Walter. **O narrador** - considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALDAS, Alberto Lins. **Nas águas do texto: palavra, experiência e leitura em história oral**. Porto Velho, Edufro, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: 5^a. ed. Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

PATATIVA DO ASSARÉ-AVE POESIA. Autor, diretor, roteirista e editor: Rosemberg Cariry. Produtora e realizadora: Cariry filmes e Iluminuras filmes, Fortaleza – CE. 2007, longa-metragem, documentário, duração: 01hs 24 min. Sonoro.

Recebido em 6/10/2010. Aceito em 25/11/2010.